

## MEMÓRIAS DA/NA QUARENTENA: vislumbrando a autoria na escrita em sala de aula virtual

*Beatriz Donda*<sup>1</sup>

*Cláudia Cristina dos Santos Andrade*<sup>2</sup>

*Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas.*

**Resumo:** Este artigo apresenta reflexões sobre o processo de produção de um e-book realizado em ambiente virtual (canva e e-mail), por uma turma do terceiro ano de escolaridade de uma escola pública da rede federal de ensino. O trabalho pedagógico desenvolvido tem como eixo teórico-metodológico a perspectiva discursiva para o ensino/aprendizagem da leitura e da escrita (GOULART, 2015, 2019), pautando-se nos conceitos advindos do Círculo de Bakhtin (BRAIT, 2009) e de estudos neste campo (SMOLKA, 1988, 2017; GERALDI, 2013, dentre outros), em especial os conceitos de discurso, diálogo e gêneros discursivos. Para refletir sobre as atividades no ensino remoto, recorreremos às discussões de Edmea Santos e Marco Silva (2021) sobre a ideia de sala de aula interativa, assim como o texto de Santos e Carvalho (2018), sobre a autoria colaborativa em ambiente virtual. A análise tem como objeto o processo de construção do e-book *Memórias da Quarentena: cartas às crianças do futuro*, em que as escritas e falas infantis nos trazem elementos para reflexão sobre a autoria construída no processo de interlocução que se dá entre professora e escritores/estudantes e sobre uma proposta pedagógica que nos ajude a pensar, esperançosamente, em um futuro mais justo.

**Palavras-chaves:** ESCRITA, AUTORIA, PERSPECTIVA DISCURSIVA-DIALÓGICA

### Introdução

Os processos de ensino/aprendizagem em contexto de ensino remoto ainda nos causam apreensão e espanto. Questionamentos vários são suscitados a cada planejamento: como fazer a criança refletir sobre determinados conteúdos e temas? Será que ela está conseguindo realizar as atividades propostas sozinha? Está tendo

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela UFRJ. Professora do Colégio Pedro II. Contato: [biadondinha@hotmail.com](mailto:biadondinha@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela USP. Professora adjunta do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Contato: [claudiandrade1466@gmail.com](mailto:claudiandrade1466@gmail.com)

muita, pouca ou nenhuma ajuda? Como fazer intervenções em sua escrita de maneira dialógica? Como fazê-la ler? Será que está havendo aprendizagem? Em que medida as famílias podem colaborar nessa relação de ensinoaprendizagem?

Por outro lado, a exaustão pelo uso da tela por horas seguidas nos lembra que estamos vivendo algo inédito, fazendo-nos ampliar nosso leque de possibilidades: usar câmera, som, edição de vídeo, editores *on-line* de material escrito, salas virtuais, plataformas de interação *on-line*, produção de jogos, dentre outras oportunidades de aproximação com as tecnologias e os ambientes virtuais. Dentre os resultados das experiências vividas neste tempo, vislumbramos propostas que apontam, cada vez mais, para uma pedagogia que tenha como base relações de ensino interativas (SANTOS e SILVA, 2021), em que os processos de aprendizagem deixam de ser orientados pela transmissividade do conhecimento e são impulsionados pela cooperação, pelo diálogo e por uma postura cada vez mais alteritária.

A atividade sobre a qual nos debruçamos neste artigo busca caminhar por esta proposta pedagógica, com a qual contribuem, sobremaneira, os estudos sobre a alfabetização em perspectiva discursiva, que colocam em cena o *modo dialético e dialógico* de conceber o processo, *caracterizado pela reconstrução contínua do universo de referências das pessoas, não só linguísticas, portanto, gerando transformações e mudanças qualitativas no entendimento que possuem do mundo* (GOULART, 2019, p. 14).

Nossa reflexão caminha pelos enunciados produzidos pelas/os estudantes do terceiro ano do ensino fundamental que formam a turma 302, com 26 alunos, de uma escola pública da rede federal de ensino do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II, Campus Realengo I, no ano letivo de 2020, durante as atividades de construção do e-book *Memórias da Quarentena: cartas às crianças do futuro*<sup>3</sup> (DONDA, 2021), totalmente realizadas por meio de atividades remotas, síncronas e assíncronas. A docente, Beatriz Donda, já havia sido professora da turma no ano de 2019, quando os estudantes cursaram o 2º ano.

O e-book reúne cartas produzidas pelas crianças da turma, a partir das quais escolhemos os subtítulos deste trabalho. Sabemos que as vozes postas nas cartas se

---

<sup>3</sup>O e-book, lançado pela Pedro e João Editores, está disponível no link <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/memorias-da-quarentena-cartas-as-criancas-do-futuro/>

misturam às vozes dos familiares, das professoras, dos/as colegas de classe, pois são produções conscientemente compartilhadas, resultado de um trabalho de cooperação. Já na análise deste trabalho misturam-se nossos sentimentos, impossíveis de se curvarem ao rigor científico.

As cartas, motivadas pela vontade de fazer registros que pudessem narrar, para as crianças do futuro o que vivemos no presente, carregam as impressões, anseios e esperanças de muitos neste momento de apreensão, causados por uma pandemia em que um vírus (e as escolhas políticas para seu combate) estão nos levando preciosas vidas. Mas, como nos consola Enzo: *Começamos a acreditar em uma cura que vai deixar o mundo normal. Que esse normal seja de mais consciência e de amor ao próximo, pois somos todos iguais.* Sigamos!

**2 Amigo do futuro, espero que o mundo se cure e que vocês vivam de forma melhor (Guilherme): por uma pedagogia que alimente a esperança.**

Guilherme, ao concluir sua missiva, traz uma construção instigante: *que o mundo se cure.* A unidade da existência que nos traz a palavra *mundo* é maior que nós. É como um organismo vivo, cuja sobrevivência depende... De cada um de nós! A consciência de nossa codependência para a manutenção da vida de todos parece saltar de alguns textos produzidos. Na direção oposta está o discurso que pensava e pensa que *a gripezinha atinge alguns; os fortes sobreviverão.* Como nós, professoras, podemos fortalecer o discurso agregador, baseadas na ideia de que *somos um, formados por bilhões?*

Essa questão permeia os tempos pandêmicos, em que a desesperança alimenta o medo e paralisa as possibilidades de um futuro mais justo. Como nos ensina o mestre Paulo Freire (1992, p. 4):

Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.

O texto de Freire, tão debatido, tão citado, se faz urgente. E em consonância com o apelo do Mestre, pensamos a práxis como possibilidade de construção de um mundo novo. Para isso, a criança é colocada como produtora de discursos, ativa em face do que lhe propõe o mundo e a escola, reflexiva, participante de um movimento

complexo, em que a professora estabelece interlocuções a partir de/com os conhecimentos trazidos para o ambiente escolar.

Nesta direção e alicerçando as propostas pensadas para o processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita, Goulart(2019, p. 16) nos propõe

que se tomem as enunciações das crianças no processo concreto de interação como base para as atividades de sala de aula, que se trabalhem os diferentes gêneros do discurso e as situações em que são produzidos e que evocam, e se possa chegar ao exame das formas da língua, orientado pelo processo de produção de sentidos.

O ambiente remoto, em princípio, trouxe-nos o receio de não conseguir realizar, com as crianças, a mesma relação de ensino que compunha a prática desenvolvida no modelo presencial. Porém, como advertem Santos e Silva (2021) não é o ambiente que determina o modelo comunicacional utilizado pelos professores, mas sim a forma como se dá a interação. Estamos imersos em uma sociedade que já faz uso de mídias em colaboração e intensa interatividade, em que o conhecimento se torna volátil e em constante transformação. O sujeito leitor/escritor neste tempo não se forma passivo, a espera de textos com perguntas que exigem respostas únicas. Usar o ambiente virtual neste momento significa construir interação em vários dispositivos, tais como aplicativos/sites de edição de texto que permitem colaboração (como o Canva), além da manutenção da postura dialógica, consolidada na escuta docente, um dos pressupostos da perspectiva assumida aqui, e a afirmação da criança como pessoa, em uma dinâmica que tome suas palavras como expressão do que sabem, pensam, na direção da construção de novos conhecimentos (GOULART, 2019, p. 29).

Cabe ao professor o papel de leitor responsivo, comprometido com as produções de seus estudantes de modo a contribuir com o seu processo de autoria. Compreendemos, a partir de Bakhtin, que os indivíduos se constituem na relação de alteridade, em confronto ou concordância com os sentidos produzidos nas cenas enunciativas.

Analisamos, a seguir, como se deu a produção das cartas que compuseram o e-book, tendo como eixo as vozes das crianças percebidas em suas falas, nos momentos síncronos, e em sua escrita, realizada nos diferentes momentos.

***3 As aulas on-line estão sendo boas (...) dá pra matar um pouco de saudade dos amigos, mas ainda sim eu preferia mil vezes estar na escola (Sophia Azevedo):***

## **o processo de produção**

Sophia nos remete ao que foi experimentado nestes últimos meses, a vivência da escola de outras formas. E justo no ano de 2020, em meio à situação inédita do isolamento social, o Campus Realengo I fez 10 anos. Para comemorar essa data, foi feita a proposta do projeto anual *Eu faço parte dessa história: 10 anos do Campus Realengo I*. As equipes docentes abraçaram a ideia e cada uma delas foi direcionando, juntamente com os/as estudantes, subtemas para trabalhar o projeto central. As professoras do 3º ano decidiram trabalhar com o tema: *Tudo tem histórias, fatos e memórias*. Dessa maneira, as propostas de leitura, debates e pesquisas versaram sobre a importância da memória individual e coletiva; a singularidade do tempo pandêmico e suas marcas na humanidade; a relevância dos documentos escritos e não escritos e a necessidade de apurar e interpretar os fatos que narram as histórias da sociedade.

Para abordar essa temática, uma das leituras escolhidas foi o e-book *Cartas às crianças do futuro: narrativas sobre a pandemia Covid-19*, organizado por Monica Fantin e José Douglas Alves dos Santos. Este livro virtual traz em seu escopo a escrita de cartas às crianças do futuro, reais ou fictícias, por estudantes do curso de Pedagogia, nas quais eles descrevem seus sentimentos, percepções e visões do tempo pandêmico.

Como o e-book era extenso, foram selecionadas algumas cartas para leitura e duas delas analisadas profundamente em atividades de reflexão acerca do gênero discursivo, análise e interpretação textual. Os/as estudantes ficaram bastante interessados e motivados e, por isso, em conversa com a turma, foi feita a proposta de que também escrevessem cartas às crianças do futuro, porém, como bem disse o aluno Enzo, dessa vez seria “de criança para criança”.

Quando pensamos em ensino de produção de texto, compreendemos que a escrita produzida pelo aprendiz é produto desse sujeito e que traz em suas linhas marcas históricas, culturais e suas experiências com a linguagem. Além dessas marcas, o aprendiz busca estabelecer relações com o seu interlocutor. De acordo com Bakhtin (2000, p. 294), *o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro*.

Assim, o aprendiz, ao permitir ao professor – interlocutor *a priori* - a leitura de

seus textos, espera uma resposta que não apenas quantifique seus erros e acertos, mas que permita um caminho de dialogia, de produção de sentido, de significação e de encontro com o outro. De acordo com Geraldi (2013, p. 112):

O outro é a medida: é para o outro que se produz o texto. E o outro não se inscreve no texto apenas no seu processo de produção de sentidos na leitura. O outro insere-se já na produção, como condição necessária para que o texto exista. É porque se sabe do outro que um texto acabado não é fechado em si mesmo.

Para a proposta de escrita foi elaborado um roteiro, o qual sinalizava para as crianças os elementos composicionais da carta e os assuntos que poderiam ser abordados: sentimentos em relação à pandemia; apresentação de fatos sobre a Covid-19 (quando e onde surgiu, países mais afetados, vacinação); curiosidade sobre a Covid-19; narrativa de como está sendo a pandemia no Brasil (uso de máscaras, isolamento social, uso de álcool em gel); mensagem de esperança para as crianças do futuro.

Paralela a essa solicitação de escrita outras atividades aconteciam. Os estudantes tiveram a oportunidade de estudar a importância das cartas como registro histórico; ler e analisar cartas endereçadas para diferentes propósitos; relacionar os aspectos que diferenciam e aproximam as cartas e os e-mails; discutir e entender sobre a profissão dos carteiros e dos Correios, ler e ouvir histórias e reportagens que traziam em sua narrativa cartas. Todas essas atividades estavam linkadas com o projeto da turma e aproximaram os estudantes de seu propósito de escrita, tornando essa experiência mais significativa.

Aos poucos, as cartas começaram a chegar pelo e-mail da professora. Algumas digitadas em word, outras manuscritas, outras ainda escritas no corpo do e-mail. Cada carta lida era uma surpresa, um verdadeiro encontro com aqueles sujeitos, seus enunciados e suas vidas. Os textos narravam sonhos, realidade, expectativas e necessidades. Traduziam sentimentos, desejos, angústias e experiências singulares. Pela riqueza do material recebido, as análises e as possibilidades de ampliação dos textos por meio do diálogo, foram feitas de modo muito cauteloso, afinal de contas, o compromisso era com os sujeitos que se apresentava naquelas linhas.

O texto de Isabella (figura 1) apresenta uma dessas interlocuções, em que a voz docente faz sugestões, revisões, que vão sendo relidas pela estudante, que produz um novo texto (figura 2), com marcas discursivas do mundo virtual (kkkk,

#sóquenão, compartilha), e antecipações das reações dos leitores, coerente com o gênero utilizado. Sua escrita apresenta um estilo próprio deste tempo, já incorporada por muitas crianças de sua idade.

Figura 1 Primeira versão do texto produzido por Isabella (via e-mail), devolvido com intervenção docente

**PADRE MIGUEL/RJ, 10 DE ABRIL DE 2021.**

**MINHAS MEMÓRIAS SOBRE A PADEMIA**

Oi, tudo bem!

Eu me chamo Isabella, mas todo mundo me chama de ~~Isabebel~~. Eu tenho 9 anos e moro em Padre Miguel, Rio de Janeiro, hoje eu estou aqui para contar uma experiência da minha vida, ~~sobre o corona vírus...~~ ~~Ham!~~? O que é isso? Espera aí, eu já vou contar. O ~~corona~~ vírus tem vários apelidos como: corona, ~~covid~~ e outros. Essa doença é na verdade um vírus, como o nome já diz. ~~Ele surgiu na China, um país bem legal e se espalhou pelo mundo inteiro, causando morte e destruição. Tivemos que evitar o contato com outras pessoas, usar álcool em gel e ninguém podia sair de casa sem máscara. Mas espera aí... Máscara de carnaval? Não! É um outro tipo de máscara, agora sim vou contar a história.~~

Era uma vez o carnaval, todo mundo dançando... ~~Aiii~~ que demais, né? ~~#sóquenão~~. Bem nessa época o vírus começou a se espalhar pelo mundo e a alegria acabou. Era 2020 o ano, apareceu um homem na cidade de São Paulo com a doença e ela foi ~~se espalhando, se espalhando...~~ o Brasil e o mundo não tinham noção do que ia acontecer, foi tipo o fim do mundo.

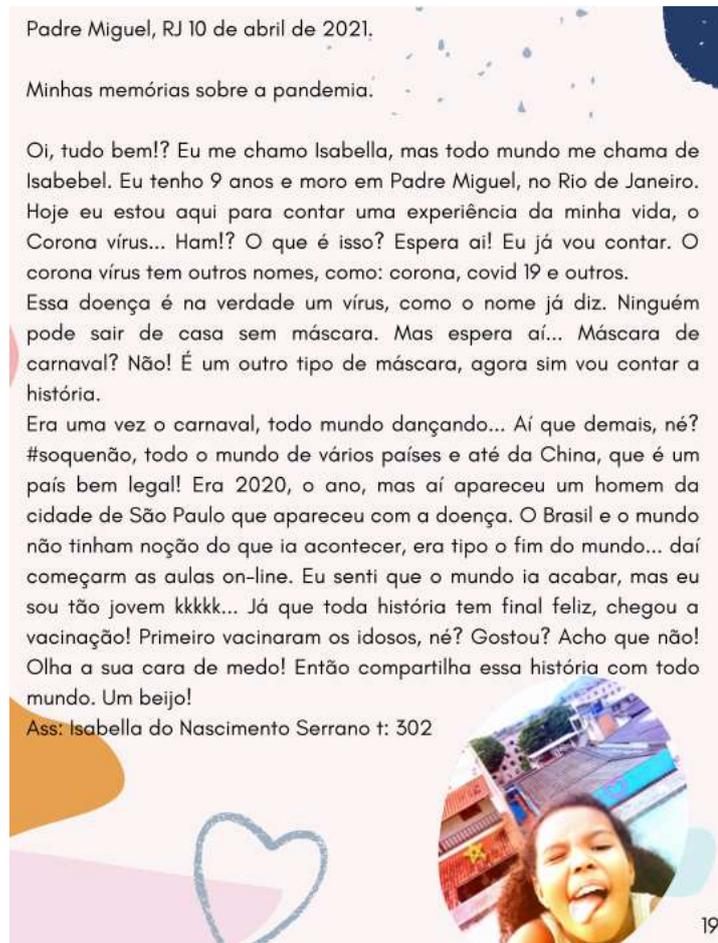
**Isa. Fale aqui no seu texto sobre a vacinação, as aulas on line, o que você fez durante esse período, o que sentiu... Seu texto está ficando muito bom!**

Gostou? Acho que não, olha a sua cara de medo, compartilha essa história com todo mundo. Um beijo!

**Ass: ~~isabella~~ do nascimento serrano**

Fonte: Arquivo pessoal da profa. Beatriz Donda

Figura 2: Carta de Isabela publicada no e-book



Fonte: Donda (org). Memórias da Quarentena: cartas às crianças do futuro. Campinas: Pedro e João Editores, 2021. Disponível em <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/memorias-da-quarentena-cartas-as-criancas-do-futuro/>

Como já é sabido, as atividades síncronas possuem um tempo e um espaço muito reduzido e diferenciado em relação às aulas presenciais. Desse modo, muitos dos diálogos foram realizados coletivamente. Quando necessário e possível foi proposta revisões individualmente, pela plataforma virtual ou chamadas de vídeo, em horários extras, combinados com os estudantes e suas famílias. Algumas cartas necessitaram de maior tempo de análise, reflexão e revisão. Outras, chegaram carregadas de leituras e inserções, possivelmente de familiares que estavam apoiando as atividades escolares discentes. Para algumas escritas, não foi possível realizar atividades de revisão, pois os encontros com os/as estudantes foram impossibilitados por diversos fatores: falta de tempo para um encontro extra; constrangimentos provocados pela escassez de dados móveis e/ou dispositivo

eletrônico ou pela satisfação pessoal da criança, que via seu texto pronto, tal como estava e não sentia necessidade de refazê-lo.

Os textos coletivos (Convite, Agradecimento e o Texto introdutório) foram sendo produzidos no ambiente do Canvas, site que permite a edição colaborativa de textos. Neles os sujeitos, ao mesmo tempo que navegavam pelas possibilidades de ferramentas que o site disponibiliza, escreviam de forma cooperativa. Pensamos, na direção do que propõem Almeida, Santos e Carvalho (2018, p. 220) que as *possibilidades tecnológicas dos aplicativos só fazem sentido se temos a capacidade de criar propostas de efetiva aprendizagem com elas*. O professor, de fato, faz a mediação em todo o processo.

#### **4 O que eu achei mais mágico ainda é imaginar que o e-book poderá ser lido pelos nossos filhos, ou pelos nossos netos e até bisnetos (Isabella): esperar.**

Isabella constrói sua narrativa sobre o que sentiu ao escrever as cartas dialogando com a história lida em capítulos nos encontros síncronos do mês de junho: *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado. Suas palavras são carregadas de sentido e esperança, indo ao encontro do que nos ensina Freire (1992):

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

*Esperança é juntar-se com os outros para fazer de outro modo* e o professor, leitor privilegiado dos textos produzidos pelos alunos, ocupa um lugar único, e nele deve depositar a esperança, encontrando marcas dos sujeitos em seus discursos – suas histórias de vida, suas experiências, seus saberes e, assim, contribuindo para a sua formação crítica.

Cada turma é única e subjetiva e cada sujeito que se encontra na cena formativa é singular. Por isso, a palavra de cada um requer escuta única, que não se reduz ao desejo de “querer ouvir” ou “querer ler” a língua, seus sons, sua unidade abstrata, muito menos tão somente corrigir seus aspectos ortográficos e textuais.

Ao professor, é indiscutível a responsabilidade de garantir a escrita como bem

cultural fundamental para o ser/agir no mundo, possibilitando às crianças que assumam seus discursos e coloquem-nos no embate com outros discursos, fazendo crescer a dimensão da alteridade, da relação com o outro.

A proposta pedagógica que fez nascer as cartas para as crianças do futuro, desta vez, de *criança para criança*, como destacou o Enzo, traz em seu propósito contribuir para que os sujeitos, hoje crianças, sejam adultos eticamente responsáveis, compreendendo que cada ação no mundo é vital. Esperancemos!

## Referências

ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe. **Autorias Colaborativas via Aplicativos em Rede: APP - Docência em Atos de Currículo**. In: CARDOSO, Ariston de Lima; SANTOS, Adilson Gomes dos; SANTO, Eniel do Espírito (org.). *Tecnologias e Educação Digital: diálogos contemporâneos*. Cruz das Almas, Ba: UFRB, 2018. p. 201-224.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GOULART, Cecília M. A. (2019). **Para início da conversa sobre os processos de alfabetização e de pesquisa**. In: GOULART, Cecília M. A.; GARCIA, Inez M. e CORAIS, M. Cristina (Orgs.). (2019) *Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos metodológicos*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, pp. 13-45.

SANTOS, EDMEA OLIVEIRA DOS; SILVA, M. A. . **A PEDAGOGIA DA TRANSMISSÃO E A SALA DE AULA INTERATIVA**. In: Patrícia Lupion Torres. (Org.). *Ciência, inovação e ética : tecendo redes e conexões para a produção do conhecimento*. 1ed.Curitiba: SENAR AR-PR, 2021, v. 1, p. 67-91.

